



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# MASSAS

ORGAO DO PARTIDO OPERARIO REVOLUCIONÁRIO – MEMBRO DO COMITÉ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

30 de outubro de 2011

## **Argentina: Reeleição kirchnerista e um quarto mandato em meio à crise cheia de contradições e convulsões. O PO mergulha no oportunismo eleitoral.**

Não houve surpresas. As eleições gerais terminaram com uma esmagadora vitória kirchnerista sobre as frações opositoras burguesas, as frentes-populares e a Frente de Esquerda dos Trabalhadores.

A vitória oficialista estava anunciada desde as primárias de 14 de agosto. Ninguém duvidava que se manteria no governo. Faltava passar o período de campanhas assistindo ao rearme eleitoral da oposição com vistas à disputa por cargos no parlamento. A quantidade e porcentagens de votos praticamente se mantiveram, com leve crescimento do oficialismo e da Frente Ampla Popular (FAP, de Binner). Uma parcela dos votos da oposição burguesa migraram para a FAP, para fortalecer o candidato mais forte.

O comparecimento às urnas foi massivo dando conta da vigência das ilusões democráticas. Cristina Kirchner, da Frente para a Vitória (FpV) obteve 54%. Por outro lado, as diversas variantes da oposição burguesa, juntas, não chegaram a 45%: Binner (Frente Ampla Popular), 16,90%; Raúl Alfonsín (UCR) 11,15%; Rodríguez Saá (Corrente Federal), 7,95%; Duhalde (Peronismo Federal), 5,80%; e Elisa Carrió (Coalizão Cívica), 1,85%. A fórmula de Jorge Altamira (PO)-Christian Castillo (PTS), da FIT, obteve 2,3%. Os votos brancos somaram 3%, os nulos 0,9% e impugnados 0,1%.

Dos resultados, podemos extrair algumas conclusões.

O kirchnerismo saiu fortalecido e com o apoio dos partidos e listas aliadas tinha a possibilidade muito clara de conquistar a maioria parlamentar. O que supõe governar e legislar sem ter uma oposição forte que lhe impeça de aprovar o pacote de medidas que vem preparando frente à crise.

Um segundo aspecto é que a reeleição kirchnerista foi possível por vários fatores econômicos, sociais e políticos. Por um lado, a concentração dos mecanismos estatais e de gigantescos recursos financeiros lhe permitiu criar uma rede de partidos, listas afins e movimentos sociais que sobrevivem de subsídios estatais ou usufruem de seu fundos. Forjando assim uma estrutura clientelista que lhe outorga um claro controle sobre os bolsões eleitorais mais importantes, que são

também os mais empobrecidos. Porém, principalmente porque se converteu no canal das frações da burguesia de maior peso ao garantir seus negócios lucrativos e todo tipo de manobras especulativas.

Foi graças à imensa massa de recursos herdados do período de crescimento econômico anterior, que teve a possibilidade tanto de garantir os lucrativos negócios monopolistas como de atenuar os conflitos sociais distribuindo as migalhas do banquete capitalista. Por isso, o kirchnerismo conseguiu aposentar mais de dois milhões de trabalhadores que não estavam em condições de se aposentar e impôs o reajuste de suas remunerações a cada seis meses. Concedeu subsídios a setores muito empobrecidos e manteve as negociações paritárias. Realizou algumas obras públicas necessárias para os setores populares. Manteve congeladas as tarifas de serviços (graças a milionários subsídios às empresas). E aumentou a capacidade de consumo de uma parcela importante da classe média e certas camadas operárias.

Porém, com o correr dos meses, a crise golpeará o país e corroerá a base econômica sobre a qual construiu sua popularidade. É muito provável que o apoio expresso nas urnas se desgaste na medida em que se estreitem as margens da economia, impossibilitando de seguir com a política de dar concessões às massas. O governo se verá obrigado a atacar seus direitos e suas mais elementares conquistas para sustentar a rentabilidade capitalista em meio à crise. A burocracia sindical, sua fiel aliada, terá cada vez mais dificuldades para cumprir seus mandatos e chocará com suas bases.

Manifestar-se-ão assim, com toda sua agudeza, as tendências fundamentais da crise capitalista de saquear o país e destruir forças produtivas, principalmente, a força de trabalho. As contradições que se acumularam na esfera da economia explodirão na da política. Suas consequências colocarão as massas diante da necessidade de readequar suas táticas e métodos de luta para responder com seu próprio programa à política capitalista de descarregá-la sobre seus ombros. O que as levará a chocar com os limites políticos de um governo que defenderá a burguesia a sangue e fogo.

Nesse processo é que se deverá temperar a vanguarda política do proletariado, trabalhando incansavelmente para traduzir as lutas defensivas em luta política de classe contra classe.

Os explorados não terão de partir do zero. Essa direção e esse programa existem, ainda em forma embrionária, na seção argentina do Partido Operário Revolucionário. Para ele devem dirigir-se os trabalhadores e jovens mais ativos, decididos e conscientes para preparar suas futuras vitórias.

**O PO mergulha no oportunismo eleitoral**

Realizar um balanço crítico da intervenção eleitoral da Frente de Esquerda dos Trabalhadores (FIT)<sup>1</sup>, não é tarefa simples. Requer seguir as marchas e contramarchas discursivas, que oscilam do democratismo mais vulgar, do triunfalismo até a autoproclamação “socialista” da frente e seus votos. Nesse artigo, tomamos por base as posições do Partido Obrero. No momento, deixamos de lado os materiais e intervenção do PTS e Esquerda Socialista. No fundo, não diferem das do PO.

### **As primeiras declarações**

Dois dias depois dos comícios, Jorge Altamira declarava: *“os 660.000 votos (...) constituem uma ratificação formidável de um setor amplo dos trabalhadores e da juventude a favor de desenvolver uma alternativa política anticapitalista em todo o país.”* E agregava que esses votos “principistas” desmentiam as “interpretações” de que só se limitavam *“a facilitar uma participação na eleição nacional”*. Mas logo se lamenta de não ganhar uma bancada no Parlamento e setencia que os votos obtidos permitirão fazer da FIT uma alternativa política, em todo o País, diante da crise capitalista mundial.

660.000 votos seria uma quantidade por si significativa para ser uma expressão “socialista” diante das fortes ilusões democráticas. E estaríamos particularmente inclinados a compartilhar seu otimismo se não fosse o método marxista que nos obriga a fazer o balanço de sua intervenção eleitoral e do caráter dos votos, não pelo entusiasmo e desejos subjetivos, mas sim com base na análise mais fria – mas mais certa e objetiva – das relações que fazem a mediação entre os votos e a campanha que levou adiante a FIT.

### **Preparando o terreno para a manobra oportunista**

Na semana prévia às eleições, Altamira anunciava que havia conseguido instalar uma alternativa anticapitalista e que a campanha era já “um triunfo político” nacional.

Do discurso triunfalista de menos de dois meses atrás (quando conseguiram superar o proscritivo 3% de votos efetivos nas primárias, exigido pela nova lei eleitoral, para ter direito a participar das eleições gerais) se passou à “autoproclamação socialista” dos votos do 23 de Outubro.

Mas semanas antes das primárias, o PO chamava abertamente o voto “democrático” na FIT para que a esquerda pudesse competir nas gerais e tivesse sua voz no parlamento.

Nas idas e vindas do altamirismo, evidencia-se que seu primeiro e único objetivo era o de ganhar um posto no parlamento, mas o pequeno crescimento do

---

<sup>1</sup> Aliança eleitoral formada nacionalmente pelo Partido Obrero, Partido de os Trabalhadores Socialistas e Esquerda Socialista. E no nível provincial e local por outras correntes como o PSTU, Convergência Socialista, etc.

número de votos entre primárias e gerais lhe negou esta possibilidade. As porcentagens se mantiveram, salvo um leve crescimento do oficialismo e da Frente Ampla Popular (Binner). Muitos decidiram fortalecer uma fração burguesa auto-intitulada (progressista), não a esquerda. Foi esta situação que obrigou a FIT a uma virada no discurso para disfarçar a impossibilidade de crescer eleitoralmente. E, oportunisticamente, escondeu o seu democratismo desenfreado.

### **Do democratismo vulgar a autoproclamação socialista**

No Jornal Prensa Obrera, N° 1199, podemos ler: *“recuperamos a política eleitoral socialista como fator de desenvolvimento político da classe operária.”* E, mais adiante, que *“o ingresso de deputados de esquerda no Congresso reforçaria enormemente a autoridade política de quem luta por uma saída anticapitalista frente à crise.”* No mesmo número, Altamira afirma: *“nossa expectativa é conquistar um bloco de Esquerda no Congresso Nacional e modificar com ele a agenda política e social do país, e desenvolver uma perspectiva de poder.”* Associando a conquista de um cargo parlamentar, no seio de uma instituição burguesa, com a possibilidade de modificar a “agenda política” do país e, note-se, desenvolver uma “perspectiva de poder”.

No editorial do mesmo número, Marcelo Ramal exclama: *“o ingresso de deputados de Esquerda (...) teria um significado estratégico: a implantação de uma alternativa de caráter anticapitalista em momentos em que a crise capitalista ameaça destruir as conquistas operárias, associando a luta parlamentar ao desenvolvimento de uma alternativa anticapitalista”.*

Como veremos, a “contradição” entre formas democráticas burguesas e a luta para impulsionar a “alternativa anticapitalista” se resolverá a favor do democratismo eleitoral mais desenfreado. É na campanha que se evidencia a verdadeira política da FIT, renegando o que eles mesmos escrevem para consumo interno de sua militância. Na campanha, de fato chamaram a “colocar a Esquerda no parlamento” para “lutar” aí pela defesa das lutas populares. Até tentaram demonstrar que “outra forma de legislar” é possível, com rotatividade nos cargos e ganhando o salário médio de um operário<sup>2</sup>.

### **A FIT substituiu a tática proletária pelo impressionismo pequeno-burguês**

Geralmente, nas eleições burguesas, os explorados não se expressam homogeneamente como força social, mas sim como indivíduos isolados uns dos outros que votam seguindo suas consciências e seu ânimo político sob a pressão de fatores sociais objetivos e concretos.

Quando se afirma que o apoio a uma força de Esquerda constitui “por si” um voto “socialista”, se quer dizer, por acaso, que estes votos correspondem a uma força política que ainda não sendo de massas, se expressa de forma organizada e

---

<sup>2</sup>. “Defendemos um principio revolucionário: um deputado de Esquerda não pode estar melhor que o operário ou o docente que nele votou.” Jorge Altamira, Prensa Obrera 1199.

coesa mediante um programa revolucionário definido? Se fosse assim estaríamos diante da presença de uma virada decisiva de importantes setores proletários e de oprimidos em direção a posições revolucionárias. E diante de um fortalecimento organizativo do partido revolucionário.

Mas para que existisse o caráter “socialista” dos votos que se “adjudica” a FIT, estes deveriam ser a síntese de uma campanha que denunciasse as eleições burguesas e todas suas instituições como invólucro da ditadura capitalista. E que chamasse os explorados a empregar a ação direta para conquistar suas reivindicações e lhes assinalasse que as condições objetivas para a revolução social já estão plenamente maduras e que, portanto, é necessário organizar-se em torno da estratégia da classe para transformar toda a sociedade por meio da revolução e ditadura proletárias.

Porém, por mais que se **procure não encontramos nenhuma destas idéias em sua campanha de forma clara e precisa**. Tingir na propaganda os votos como "socialista" e "principista" é típica da manobra morenista de situar abstratamente o princípio concreto do socialismo, prostituindo seus métodos revolucionários pelo eleitoralismo vulgar. Daí sua renúncia ao Programa de Transição e suas táticas, para substituí-lo pela indefinida e genérica fórmula de "*Governo dos Trabalhadores*" e uma organização de massa correspondente aos objetivos democráticos e eleitorais.

#### **A FIT joga a as escondidas para evitar encarar a realidade**

*“As palavras se calam quando os fatos falam”* foi a frase que Trotsky usou em seu artigo “O Terceiro Período dos erros da Internacional Comunista” para criticar o estalinismo quando afirmava que na França se acelerava a radicalização das greves e chamava à luta revolucionaria no marco de um refluxo político das massas.

A crítica se centrava em demonstrar que é impossível orientar corretamente a vanguarda e as próprias fileiras partidárias com base em uma política falsa. Guardadas as distâncias históricas, este ditado poderia hoje aplicar-se à FIT. Que com passes mágicos de oratória tentou ocultar que não houve um avanço das massas para a esquerda nas eleições. Pelo contrário, houve um massivo apoio popular ao governo burguês de Cristina Fernández de Kirchner. Que com o decorrer dos meses demonstrará que está no governo para preservar os negócios capitalistas e a propriedade privada, atacando fortemente as massas. Nesse contexto, diante da urgência de dotar as massas de uma perspectiva classista e uma verdadeira organização revolucionária, a FIT comparece como uma farsa.

#### **Derrotar o centrismo para ganhar a vanguarda proletária para o marxismo**

O POR da Argentina polemizou abertamente contra estes desvios. Luta que combinou com uma campanha comunista para tentar educar os trabalhadores no rechaço às instituições da burguesia e na confiança em seus próprios métodos de luta para conquistar todas suas reivindicações. E que a tarefa mais urgente não era fortalecer as ilusões nas eleições, mas sim aprofundar a luta de classes.

A auto-proclamação socialista nos marcos de uma prática e uma política democratizante é um golpe na história e nas tradições proletárias.

Lamentamos ver como se arrasta por trás dessa embriaguez oportunista centenas dos melhores e mais combativos delegados e lutadores da classe operária e os demais oprimidos. Quando falamos de aprofundar a luta contra o centrismo não fazemos mais que dar um caráter mais concentrado à luta por separar a vanguarda política do proletariado das falsas políticas de classe.

A crítica marxista ao centrismo é uma imperiosa necessidade para preparar o caminho da vanguarda em direção ao seio do partido marxista-leninista-trotskista.